

# Relato-colagem: recortes de experiências de apresentações da peça Greve das Inquilinas do Grupo de Teatro Comunitário Vermelho Riu

*Cassiana dos Reis Lopes<sup>1</sup>*

*Cláudia Tomaschewski<sup>2</sup>*

*Érica Ariadne Polo<sup>3</sup>*

*Paola Masiero Pereira<sup>4</sup>*

*Paulo Pappen<sup>5</sup>*

Recebido em: 30/08/2019

Aprovado em: 06/11/2019

**DOI:** 10.5965/2358092521222019148

<sup>1</sup> Mestre em Teatro pela UDESC e doutoranda em Teatro pela mesma instituição. Atriz e diretora de Teatro. E-mail: cassiana.reis.lopes@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em História pela PUC-RS. Professora da rede municipal de Florianópolis. E-mail: ctomaschewski@gmail.com

<sup>3</sup> Licenciada em Educação Física pela UDESC. Professora. E-mail: urilaurea@gmail.com

<sup>4</sup> Mestra em Agrossistemas pela UFSC. E-mail: paola.masip@gmail.com

<sup>5</sup> Mestre em Estudos da Tradução pela UFSC, e doutorando pela mesma instituição. Email: paolopa@anche.no

## RESUMO

A proposta desse relato é desenhar diferentes perspectivas sobre as experiências das apresentações da peça *Greve das inquilinas* do Grupo de Teatro Comunitário Vermelho Riu, do bairro São João do Rio Vermelho, de Florianópolis/SC. Esses relatos serão feitos sobre as apresentações nas EJAs (Educação de Jovens e Adultos) dos bairros: Ingleses, Canasvieiras, Rio Vermelho e na Ocupação Marielle Franco no ano de 2019.

**Palavras-chave:** *teatro comunitário; Educação de Jovens e Adultos; direito à moradia.*

## ABSTRACT

The aim of this report is to design different perspectives on the “Greve das Inquilinas” (“Tenant’s strike”) performances by community theatre company Vermelho Riu, from São João do Rio Vermelho, a neighborhood in Florianópolis, Brazil. The performances took place at public schools and at the Marielle Franco squat, in 2019.

**Keywords:** *community theatre; Youth and Adult Education; housing rights.*

---

(Cassiana): A proposta desse relato é ser um pouco diferente do tradicional. Ele é feito por cinco pessoas, que fazem parte do Grupo de Teatro Comunitário Vermelho Riu: eu, Kica (Érica), Clau (Cláudia), Paola e Paulo. A ideia é manter as perspectivas de cada uma das pessoas sobre as vivências estabelecidas nesse grupo, inserindo a forma como cada uma tem de contar sobre essas experiências, pois temos perfis diferentes, já que somos professoras de Educação Física e História da rede pública de educação, além de um doutorando em tradução e

uma doutoranda em teatro, que é o meu caso. Assim, este texto tem caráter etnográfico, se aproximando da linha de Antropologia Simétrica, de Bruno Latour (2012), principalmente no que se refere à Teoria do Ator Rede<sup>6</sup>.

A partir desta multiplicidade de olhares usamos a imagem de uma colagem, um relato-colagem, como fizemos no zine<sup>7</sup> que entregamos no final de cada apresentação da *Greve das inquilinas*.

Nesse texto vamos focar no início do grupo, em 2018, e nas apresentações feitas em 2019 da nossa peça *Greve das inquilinas* nas EJAs dos bairros Ingleses na Escola Herondina Zeferino Medeiros, Canasvieiras na Escola Maria Conceição Nunes, Rio Vermelho na Escola Osmar Cunha e na Ocupação Marielle Franco no bairro Saco dos Limões/Alto da Caieira<sup>8</sup>. Esses relatos estão baseados nas anotações feitas em diários de trabalho pessoais e na memória de cada uma de nós.

Antes de falar sobre as apresentações, se faz necessário expor como e onde se constituiu o grupo e discorrer rapidamente sobre o processo de construção da peça *Greve das inquilinas*.

De início, na segunda metade de 2018, éramos três mulheres (eu, Kica e Clau), moradoras do Rio Vermelho, norte da ilha de Florianópolis/SC. Começamos nos encontrando na casa de uma delas. Nesse lugar fazíamos alguns jogos teatrais, ainda sem perspectivas do que poderia surgir a partir desses encontros. Foi quando um amigo disse que publicaria a tradução de

---

6 Bruno Latour (2008, p. 213) e sua Teoria do Ator Rede (TAR), disserta: "Seu princípio mais importante é que atores [no sentido de atores sociais] em si fazem tudo, inclusive seus próprios recortes, suas próprias teorias, seus próprios contextos, sua própria metafísica, até suas próprias ontologias"

7 A zine é uma impressão ou colagem, independente, de pequena escala e baixo custo. No fim da década de 1970, movimentos de contracultura como o punk, nos Estados Unidos e Inglaterra, utilizaram os zines como ferramenta de resistência e comunicação.

8 Apesar de termos apresentado *Greve das inquilinas* no Sarau Vermelho que ocorreu no Rupestre Bar e no Sarau de Outono do Espaço Transformando, ambos no bairro do Rio Vermelho, estes relatos não entrarão nesse texto.

uma peça chamada *Greve dos Inquilinos*<sup>9</sup> ([1923] 2018.), do autor anarquista Neno Vasco<sup>10</sup>.

A peça me chamou a atenção, pois tratava da questão da moradia, tema tão presente no bairro do Rio Vermelho, uma farsa com personagens que tentavam ludibriar o dono do imóvel que alugavam para não precisarem pagar o aluguel daquele mês. Mostrei a peça ao grupo, elas gostaram muito, porém se sentiram incomodadas pelo fato da peça ter grande parte dos personagens homens e a única mulher era muito secundária, além do fato de um dos personagens se vestir de mulher para “seduzir” o locatário, para que não pagassem o aluguel.

Assim inventamos a nossa própria peça, partindo do texto *Greve dos inquilinos*, mas que desde então se chamaria *Greve das inquilinas*. Como diria o Paulo, fizemos uma tradução da peça para nossa realidade. O espaço da peça se tornou nosso bairro, o imóvel já não era mais um cortiço, mas uma quitinete, já que no Rio Vermelho houve uma explosão demográfica nos últimos anos. Muitas pessoas que tinham terrenos grandes começaram a construir pequenas quitinetes em seus terrenos para colocar

---

9 “Esta farsa conta a história de companheiros libertários que se encontram em dificuldade para pagar o aluguel dos quartos, onde moram. Com a iminente cobrança do proprietário, o senhor Anastácio, e o risco de despejo, o grupo passa a pensar uma série de alternativas a cobranças, desde o não pagamento do aluguel até a fuga do imóvel. A chegada de companheiros anarquistas da Argentina dá novas perspectivas ao grupo de inquilinos” (VASCO, 2018).

10 “Neno Vasco, pseudônimo de Gregório Nazianzeno de Moreira Queiroz e Vasconcelos, nasceu em Penafiel em 1878. Entre idas e vindas, suas atividades militantes junto ao movimento anarquista e operário transcorreram entre Brasil (1901-1911) e Portugal (1911-1920). Esteve à frente dos principais periódicos de São Paulo, *O Amigo do Povo* (1902-1904), e de Lisboa, *A Sementeira* (1908-1919). Pouco inclinado à ação pública, Neno Vasco contribui mais como um propagandista do que como um ativista. Por meio da palavra escrita, destacou-se por suas crônicas, ensaios, contos, poesias e peças de teatro, nas quais se evidencia seu ativismo em prol da criação de uma estratégia sindical de ação direta. Tais ações colaboraram para conferir o “tom anarquista” que caracterizou o movimento operário dos dois lados do Atlântico. Vitimado por uma tuberculose, Neno Vasco faleceu em 1920, com apenas 43 anos, na cidade de São Romão do Coronado” (VASCO, 2018).

para alugar. Dessa forma criamos Dona Dona (Clau), a proprietária, que bate na porta da quitinete de Janaína (eu) e Tainá (Kica) várias vezes para cobrar o aluguel atrasado, incluir uma taxa de manutenção na mensalidade e aumentar o aluguel por causa da temporada.

Janaína e Tainá não têm como pagar o aluguel daquele mês, até que chega uma visita inesperada, a Ramona, que chega de Porto Alegre, saindo de uma ocupação da cidade, para procurar emprego em Florianópolis, na peça original era o Ramón, que vinha da Argentina. Essa também é uma realidade do Rio Vermelho, pois é grande a migração de pessoas do Rio Grande do Sul para nosso bairro (Clau, Paulo e Paola são do Rio Grande do Sul).

Janaína, Tainá e Ramona testam diversas ideias para não pagarem o aluguel naquele mês, até que por último fingem a morte de Ramona. Dona Dona, para não sujar a fama de suas dependências, aceita a proposta das inquilinas para que elas não paguem o aluguel por três meses em troca delas se “livrarem do corpinho” sem nenhum estardalhaço. Elas comemoram, mas Janaína lembra que elas conseguiram se livrar de três aluguéis apenas, depois de três meses elas voltariam a pagar e até mais caro. Então Ramona retoma o tema das ocupações e propõe a ocupação de um prédio que está abandonado no centro da cidade, perto do trabalho delas. Elas topam, mas antes seria preciso falar com a vizinhança. Nesse momento da peça as atrizes vão até o público e entregam zines feitos por nós que tratam da questão da moradia e ocupações.

(Kica): Uma coisa que gosto é o zine que a gente entrega no final, ele tem um formato especial, é uma dobradura. No princípio essa dobradura era diferente, só que a gente esqueceu como era a dobradura original e no fim saiu melhor ainda: ela tem o formato de uma casa e quando você a “abre” lá dentro contém informações sobre a luta por moradia, sobre as ocupações urbanas que nós temos na redondeza. É uma dobradura que não é fácil e, quando as pessoas abrem, sentem dificuldade para refazê-la em seu formato original. Isso acaba criando um canal de comunicação e a gente se aproxima para dizer para o público “posso te ajudar” e “estou contigo”.

(Cassiana): Nós montamos essa adaptação/tradução em dois meses e chamei um amigo, Tarso, professor de geografia que gosta muito de música, morador do bairro do Rio Vermelho naquela época, para fazer a sonoplastia.

A Cláudia faz um relato bem sucinto e com datas exatas sobre esse processo, historiadora que é.

(Clau) Começamos a nos reunir no dia 18/08/2018, fizemos alguns exercícios e no dia 08/09/2018 iniciamos o estudo do texto *Greve dos inquilinos*. Éramos quatro e pensamos em escrever uma peça inspirada naquele texto. Em 30/09/2018 terminamos a primeira versão do texto e já tínhamos a primeira apresentação marcada. Tínhamos uma semana pra ensaiar e uma das mulheres desistiu por acreditar que a peça incentivava a invasão da propriedade privada. Eu queria muito apresentar, pois seria no Sarau Vermelho<sup>11</sup>, que vinha organizando no Rupestre Bar. Tentei falar com algumas pessoas: como ninguém topou, fiz dois personagens. Achei legal, pois eram os personagens mais antagônicos da peça (Dona Dona e Ramona), mas foi muito cansativo. Essa apresentação foi no dia 06/10/2018 e contamos com o Tarso musicando.

(Cassiana): No ano de 2019 o Tarso mudou de bairro por questões de trabalho, foi morar num bairro bem longe do Rio Vermelho e ficou difícil contar com a participação dele nas apresentações da *Greve das inquilinas*. Então fizemos um convite para o Paulo substituí-lo, ele topou e passou a ser mais um integrante do grupo. A Paola também se aproximou do grupo em 2019, quando começamos a utilizar para ensaios o Espaço Transformando, uma espécie de centro cultural autogestionado no Rio Vermelho. Ela começou a fazer a personagem Ramona, e assim a Clau não precisava mais fazer dois papéis na peça.

(Paulo): Eu comecei a participar da peça como um convidado, uma espécie de hóspede das gurias (atrizes da peça): e se a

---

11 O Sarau Vermelho é uma referência ao sangue menstrual. A ideia é trazer, não exclusivamente, a arte das mulheres, e elas como protagonistas. É aberto a todas/os e conta com o apoio do Teatro Comunitário Vermelho Riu, Círculo de Mulheres La Loba, Rupestre Bar, Espaço Transformando e do blog Biblioteca Caótica.

Dona Dona (personagem da peça) me visse ela ia reclamar e aumentar ainda mais o aluguel da quitinete “bran-quinha”, como ela diz em cena. Minha função ali é tocar violão, substituindo o cara que fazia essa função antes. São duas canções: o samba “Liberdade liberdade”<sup>12</sup>, letra de Neno Vasco presente na peça “Greve de inquilinos”, arranjada pelas atrizes da peça em cima de “Madalena do Jucu” (1989), do sambista Martinho da Vila, e o “Funk das inquilina”<sup>13</sup>, letra adaptada pelas atrizes em cima da versão original presente na peça de Neno Vasco e arranjada em cima do “Rap da felicidade” (1995), sucesso dos funkeiros Cidinho & Doca. Além disso, tem uma musiquinha estilo popzinha, que eu toco na cena da pintura do apartamento “bran-quinho”. E quando as personagens se põem a imaginar soluções pra não pagar mais o aluguel, eu faço uns sons no violão que expressem esse processo de imaginação: uma sequência de acordes diminutos, ao mesmo tempo tensos e cômicos, porque enquanto eu faço os acordes as gurias se colocam em posições esdrúxulas para pensar.

(Clau): Felizmente, encontramos uma atriz disposta a construir junto. Desde então já fizemos várias alterações no texto inicial. Pudemos também contar com o Paulo acompanhando no violão. Nossa primeira apresentação com essa nova formação foi na EJA Norte I/Ingleses, com um auditório lotado. Isso aconteceu somente em 06/05/2019 após vários ensaios, discussões e alterações no texto. Antes disso, para termos uma visão mais geral de como estava a questão da luta pela moradia em SC, eu e a Paola participamos do Encontro sobre ocupações urbanas na faculdade de arquitetura e urbanismo da UFSC nos dias 27 e 28 de abril. Nossa segunda apresentação foi na EJA Norte I/ Rio Vermelho.

(Cassiana): Foi a Clau que fez contato com os diretores dos colégios e EJAs, pois ela havia dado aula no EJA no ano de 2017. Para nossas apresentações nos EJAs da rede municipal, pensa-

---

12 “Liberdade, liberdade / quem a tem lhe chama sua / Eu só tenho a liberdade / eu sou tenho a liberdade / de morar em plena rua / e nem na rua!”.

13 “São tão puxados os aluguéis / Oh inquilinas não os pagueis / Que ladroeira da proprietária! / Toda as inquilina: / greve em Floripa! / Eu só quero é ser feliz...”.

mos em, além de apresentar a peça, fazermos um debate com o público de professores e estudantes. Para tanto, peguei como referência o iNerTE - Instável Núcleo de Estudos de Recepção Teatral, grupo que estuda o papel do espectador dentro do fenômeno teatral, coordenado pelo Professor Doutor Flávio Desgranges, da UDESC e buscamos nos aproximar das propostas de construção de debates performativos<sup>14</sup> desenvolvido pelo grupo. Buscamos, assim, no momento de debate, mais que responder a possíveis perguntas do público, provocar e questioná-los sobre suas percepções estéticas da peça, sobre cenário (apenas uma cadeira rodeada por uma pequena corda que demarca o espaço da quitinete e um tapete que assinala a porta), figurino, maquiagem (as cinco pessoas usam batom vermelho na boca). Depois passamos para um segundo momento em que pedimos para o público escrever em papéis frases sobre o que mais marcou na peça e depois entregá-los a nós. Assim construíamos um poema coletivo com as frases, semelhante a técnica surrealista de “cadáver esquisito”<sup>15</sup> para a escrita.

(Paola): No dia 06/05/2019 estreamos com o EJA Ingleses, a peça teatral *Greve das inquilinas* para estudantes do EJA noturno. Às 20h30 colocamos o corpo no ônibus, rompendo a quarta pa-

---

14 Sobre debate performativo, de acordo com Giuliana Simões e Flávio Desgranges (2017, p. 348): “Com os debates performativos, tentamos descortinar alguns desses elementos de leitura, ou chaves de pensamento que operam na relação que o espectador trava com a proposição artística, almejamos desvendar o mosaico de impressões que o coletivo de espectadores enuncia ao reverberar conjuntamente os impactos provocados pela encenação. Para isso, buscamos deixar claro, desde o início, que não estamos em busca de um debate tradicional que pretende deixar claro o que o espetáculo quis dizer. Não queremos, nem nos sentimos autorizados a estabelecer vetores de leitura ou mesmo explicar para o espectador aquilo que ele deveria entender. Estamos, ao contrário, buscando o modo com que o espetáculo atingiu, atravessou a cada um de nós”.

15 É uma técnica de construção coletiva de texto, criada na França por volta de 1925 pelo movimento surrealista, que consiste no “acoplamento ao acaso de pedaços de frases escritos por pessoas diferentes, de forma independente e secreta” (RIVERA, 2005, p. 11).

rede, chegando ao clímax com *agitprop*<sup>16</sup>, com zines e diálogos com o público. Cerca de 90-100 estudantes e professores.

EJA Rio Vermelho: Local ideal, escola reformada. A maioria dos jovens são negros. Todos atentos. No debate, surgem as questões cênicas: Imaginação: cozinhar; precariedade do teatro e da vida; o tapete demarca a porta, gosto pela música.

No dia 10/06/2019 apresentamos no EJA Canasvieiras: Sesenta estudantes, professores, trabalhadores. Local: Refeitório, área externa às salas de aula, teatro no pátio da escola. Pós-janta. Começamos com o samba, anima e concentra!! No embalo da liberdade... entramos na quitinete e, de lá, só saímos 25 minutos depois (tempo de duração da peça). Janaína e Tainá expõem na cena do cotidiano o ritmo da barbárie que se impõe. Produção e Circulação. Em luta, em marcha. Nuestra América não para.

(Cassiana): 06/05/2019: EJA Ingleses, 85-90 pessoas. O poema funcionou, mas tivemos que insistir um pouco para os adolescentes participarem. Sobre o debate: deixar as pessoas falarem mais, não fazer palestra. Houve um momento em que um dos estudantes perguntou se os donos também não têm gastos na hora de alugar. A Kica frisou sobre o direito a moradia.

20/05/2019: EJA Rio Vermelho. Fomos muito bem recebidas pelos professores da EJA. As turmas encheram o auditório com umas 50 pessoas. Durante a peça, algumas pessoas riam mais: uma família, que depois veio conversar com a gente dizendo que tinham vindo de Porto Alegre para viver em Florianópolis. Fizemos o debate e houve bastante participação. Todas as frases escritas nos papéis para o poema coletivo fizeram elogios e agradecimentos. Terminamos a peça e os alunos não queriam sair do auditório, parece que queriam mais.

---

16 De acordo com Silvana Garcia (1990) o teatro de *Agitprop* (agitação e propaganda) é construído em plena União Soviética (1922-1991) e de acordo com a autora entre seus objetivos, era um teatro que buscava: “[...] um resultado concreto, mensurável por sua eficácia política, não apenas no nível da mobilização conseguida para esta ou aquela campanha em particular, mas no engajamento mais amplo, que extrapola a relação palco-platéia e soma esforços na construção do socialismo” (1990, p.20).

10/06/2019: EJA Canasvieiras: apresentamos na cantina do colégio, depois que os alunos haviam jantado. Em média 40 pessoas. No canto direito do público um grupo de adolescentes rindo e comendo. Na frente, um grupo de senhoras mais velhas. Riram alto quando falamos de Porto Alegre. Depois, no debate, não falaram muito. Um senhor falou sobre sua experiência de ter alugado um imóvel e ter tido gastos. Um professor queria saber um pouco mais sobre a “greve dos inquilinos” na Argentina, pois citamos esse fato histórico durante a peça. Nos papéis para o poema coletivo, muitos elogios, duas pessoas escreveram no sentido de que “invadir” seria algo errado. Ao final, convidamos as pessoas a participarem da greve geral do dia 14 de junho.

Apresentar na Ocupação Marielle Franco nos afetou muito. Por nossa peça tratar exatamente daquela realidade.

(Clau): 11 de maio de 2019: fomos apresentar *Greve das inquilinas* na Ocupação Marielle Franco no Morro da Cruz. Antes de ir para o centro passamos por Canasvieiras, passamos pelo *Sapiens Park* e lá estava a Polícia Rodoviária Federal fazendo treinamento. Nunca tinha reparado no prédio enorme da indústria que tem lá. Tivemos alguma dificuldade pra achar a Ocupa, e eu ainda tinha levado uns abacates, o que deu mais trabalho. Graças às gurias, achamos o local. Achei as casinhas de madeira bem simpáticas e o local bonito. Se se organizarem bem como estão, tem tudo pra “não ser apenas mais uma favela” como uma liderança disse lá no encontro da UFSC sobre moradia.

As pessoas não estavam aderindo muito à ideia de ir ao teatro, então fizemos um cortejo morro abaixo. Fui com a roupa da personagem e, por isso, tive que tirar o sapato e pisar na terra. Como desejo que a população de lá faça uma urbanização mais consciente, cuidando da terra! Uma moradora me ofereceu sua casa para lavar os pés e, por fim, a peça começou, com a adesão de muitas crianças, alguns jovens e pessoas mais velhas. No final, quando estávamos indo embora, apareceu uma senhorinha linda, bem colorida. As crianças foram muito, muito receptivas. Compreenderam a peça e deram bastante risada. No fim, dois pré-adolescentes decidiram que iam montar uma apresentação

para o dia das mães e ficaram com nosso texto. Longa vida à Ocupação Marielle Franco.

(Paola): Quando o teatro sobe o morro e ocupa o asfalto: sábado, 11 de maio de 2019, subimos o Morro da Cruz e fizemos uma ocupação da avenida principal, com bancos de madeira com crianças, jovens, homens e mulheres. Mas antes de chegar ao local passamos por endereços errados, temporal, dúvidas sobre o papel da peça para aquelas/es que realmente estavam em luta pelo direito à moradia. As primeiras inquietações foram sanadas em rápido diálogo, durante a viagem, dentro do carro. E cheguei à conclusão: realmente o teatro não deve carregar a tarefa de dar respostas, mas sim fazer as perguntas, colocar no centro da cena o sujeito histórico desta luta.

O público, crianças em sua maioria, esteve atento, desejaram ao final uma cópia do texto para possível dramatização. Estão despertas para sua realidade. Outros adultos colocavam a experiência de assistir teatro pela primeira vez. E muito disso tudo se entendia por estarmos entre barracos da ocupação, em cortejo, desvelando a necessidade da cultura e da arte para aquela dura realidade.

Dominar o texto também. Várias vezes errei o texto, por estar racionalizando o presente que endurecia meu corpo seja pela precariedade das condições de vida daqueles ocupantes, seja pela morte de uma companheira de luta de Brasília, Paulinha Sampaio<sup>17</sup>. Então Marielles e Paulinhas me fizeram seguir, e até tocar pandeiro, sendo que não toco nenhum instrumento musical. Paciência histórica para o Paulo, músico do grupo. Ah, talvez o cafezinho preto adoçado, real carinho de quem partilha

---

17 Ana Paula Sampaio Alves (1979-2019), mãe, feminista, educadora popular. Esteve presente desde o início da construção do Movimento dos Trabalhadores Desempregados (MTD) no DF, onde participou da organização de acampamentos, atuava no PT no Paraná, organizando espaços de Cultura. Lutou contra a violência a mulher e foi amiga e colaboradora do MST no DF e no Brasil. Em sua militância, inspirada em Paulo Freire, teve um papel fundamental como educadora popular, que por onde passava ensinava a importância da coletividade e dialogicidade, possibilitando uma melhor leitura e intervenção da realidade social, econômica e política, principalmente entre as mulheres trabalhadoras.

o que pouco tem, realmente tenha tirado a concentração e a marcação do texto. Tudo bem! Sigo em cena com companheiras generosas, que seguram as pontas e me animam a arrancar do peito o que me sufoca para gritar a todas/os o sonho do teto e da dignidade. Seguimos!

(Cassiana): 11/05/2019: Ocupação Marielle Franco. Tivemos que nos adaptar ao espaço e apresentamos na calçada, o público ficou na rua. O público foi muito participativo, inclusive um homem, morador da ocupação, pegou o pandeiro e tocou junto com o Paulo durante as cenas. As crianças interagiram na cena da morta, tentando mentir para Dona Dona que a Ramona realmente estava morta. O cortejo foi algo novo para nós, passamos em meio às casas da ocupação usando a melodia da música *Greve das inquilinas* e cantamos: “Vai ter teatro, 16h, venha todo mundo!”. No debate algumas pessoas disseram que era a primeira vez que tinham assistido a uma peça de teatro. Isso me emocionou muito.

(Paulo): As melhores coisas dessa experiência com o Vermelho Riu pra mim são fazer teatro amador e comunitário, o que é muito convidativo e transparente, apresentar em bairros, ocupações, escolas públicas, acompanhar a evolução cênica e dramática das gurias (as falas vão cada vez mais direto ao ponto e detalhes do cenário foram incrementados, como o tapete indicando a porta), e atravessar Florianópolis pra participar das apresentações. E é muito legal o fato da peça terminar emendando na distribuição dos zines sobre ocupações urbanas: terminar iniciando o debate, que não é um debate intelectual, é um debate sobre impressões estéticas que podem ou não desembocar em comentários políticos. Isso quer dizer que a peça não termina com a gente agradecendo e recebendo aplausos: os aplausos só acontecem no fim do debate, quando o público participou bastante, então são aplausos pra todo mundo, não apenas pra quem apresentou a peça.

(Kica): Ao final de cada apresentação, percebemos que temos conseguido contemplar tanto as pessoas que passam apertado ao chegar o dia de pagar o aluguel e não terem o dinheiro, como também atingimos um outro lado da mesma problemá-

tica: a das pessoas que são donas de uma quitinete ou uma casinha, que construiu com muita dificuldade, e precisa daquela grana como uma complementação da renda familiar, estando todas tentando sobreviver no mesmo barco furado (sociedade capitalista) que não afundou ainda por todo nosso suor, trabalho e resistência.

(Cassiana): Além do grupo nascer em um bairro periférico de Florianópolis, montamos uma peça que dialoga com seu contexto e que foi apresentado em locais e públicos que se identificam com sua temática. Nesse sentido se fez necessário relatar nesse texto, não somente nossos pontos de vista, mas também a recepção dessa peça nesses diferentes lugares. Apesar da tentativa de colagem de múltiplas perspectivas dessas experiências, entendemos que nela não se compreende a verdade, muito menos uma realidade fixa. A memória modifica e seleciona os fatos ocorridos no passado. Lendo esse texto, nós, do Vermelho Riu, também criamos um outro ponto de vista sobre nossas vivências, pudemos olhá-las por diferentes ângulos. Nos fez pensar que essa peça ultrapassa a obra em si, buscamos espaços de apresentação que de alguma forma se relacionem com essa temática, nos fez participar sobre debates de arquitetura e urbanismo, de conferências sobre habitação social e nos aproximarmos mais ainda dessa realidade.

(Kica): Perdi minhas anotações, meus “recordatários”, feitos após cada apresentação, não sei onde eu os botei. Não tendo mais esses textos como apoio, acabei passando por outros pensamentos que também foram bem interessantes. Todo nosso material dessa peça cabe numa caixa de plástico, dessas de mercado, de frutaria, sabe!? Cabe tudo ali, então a qualquer momento estamos prontas para ir a qualquer lugar, a qualquer hora, fazer a peça acontecer. Isso é muito especial, pois leva o teatro às pessoas, é “o artista ir onde o povo está”, ou melhor: “das arteiras irem onde as pessoas estão”, popularizando e movimentando a vida. Então qualquer lugar é lugar, qualquer momento é momento e não tem nada que nos segure.

Outra coisa que eu percebo que aconteceu é que no começo nós estávamos muito inseguras de apresentar essa peça,

principalmente porque essa questão de moradia e terra é uma problemática seríssima e que, historicamente, talvez seja o maior motivo dos piores conflitos da humanidade incluindo guerras mundiais (terra, território, posse, etc.), mas a cada apresentação nos sentimos mais seguras e percebemos o quanto estamos conseguindo fazer essa discussão de uma forma engraçada e empática que, ao mesmo tempo, movimenta, tira do senso comum, faz pensar e refletir.

13 de out 2018. Tudo mandei  
 postar em português (premaiva)  
 Pedram a filha de aquele  
 Alim da filha de nordeste  
 os manifestantes protestaram  
 contra policiais e scarameram  
 todos os pesos proprietários  
 com o objetivo de encarecer  
 o valor dos aluguéis (Terra  
 molcas).

3) Ocupação Vítia Esperança nos  
 Anguéis.  
 Agora são cerca de 80 fami-  
 lias. Há pouco, mais de 20  
 casas foram destruídas pela  
 ação da polícia.

Você já se questionou sobre as  
 ocupações irregulares das ruas?  
 Porque será que só as casas  
 dos pobres são demolidas?

Emre dos Anguéis  
 "Se não pararem os aluguéis  
 pagamos que a maioria não os  
 prefira. Não vou pagar a pre-  
 ças em força por 11 dias  
 catando do pqr  
 original."

4) Ocupação  
 Contestado  
 Começou em  
 2012  
 Hoje são 402  
 famílias

Na casa, peça foi inspirada  
 na obra:  
 "Frente dos Inquilinos"  
 (1978 do Brasil)  
 Diante tempo anarquista  
 Novo vídeo

grupo de teatro  
 com teatro  
 Vermelho  
 RJU  
 A gente das Inquilinas

5) Ocupação  
 do Duto,  
 no bairro Monte Cristo  
 no conhrente  
 Terreno vazia. Aida  
 desde a habitação  
 de popular  
 35 famílias

"Um pai que  
 a ocupação veio  
 não me maa  
 uma família"

Produzindo  
 alimentos  
 para a  
 comunidade  
 em  
 2018

6) Ocupação  
 São direitos sociais a educação a moradia,  
 o trabalho, a previdência e a saúde.  
 São direitos sociais a educação, a moradia,  
 o trabalho, a previdência e a saúde.  
 São direitos sociais a educação, a moradia,  
 o trabalho, a previdência e a saúde.

Formas  
 agrícolas  
 Produzindo  
 alimentos  
 para a  
 comunidade  
 em  
 2018

Chega de  
 agrícolas

NO BRASIL HÁ 6,07 milhões  
 de casas vazias (sem contar as  
 de praia) e 5108 milhões de  
 habitantes sem teto. Teófilo  
 F. Ruiz, presidente do Conselho  
 do Censo Ipea (2010).

7) Ocupação Monte Franco  
 Começou há mais de 5 anos,  
 com 5 famílias. Hoje são 110  
 famílias no alto da Casca, na  
 Rua de Ferro. Há 1800 famílias  
 sem teto. Há 1800 famílias  
 sem teto. Há 1800 famílias  
 sem teto.

LENTO PERO AVANZE

Oca

Todo brasileiro  
 tem direito  
 a moradia

Agora há  
 aquele  
 botequim  
 que  
 fala de  
 saúde  
 Saúde...





## REFERÊNCIAS

GARCIA, Silvana. **Teatro de Militância**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à Teoria Ator-Rede**. Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

RIVEIRA, T. **Arte e psicanálise**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

SIMÕES, Giuliana; DESGRANGES, Flávio. **Folias Galileu: o espectador em ato performativo**. Revista Sala Preta, São Paulo, vol. 17, n. 1, 2017, p. 340 – 352.

VASCO, Neno. **Greve dos inquilinos**. Joinville, Santa Catarina: Ambiente Arejado, 2018. União da Vitória, Paraná: Monstro dos Mares, 2018.